Gigantes. Alguns apontamentos sobre a sua origem

Compilação de Jaume López Puigbó

A presença destas figuras em 90 países e a diversidade das suas formas, bem como da sua inserção nas diversas sociedades e contextos sociais em que se encontram, tornam impossível pensar que tenham tido uma origem única e, igualmente, uma única finalidade.

Das ilhas mais remotas da Oceânia aos lugares mais frios do norte da Europa. Dos países da cordilheira do Himalaia às estepes norte-americanas, passando por toda a sua riqueza no continente africano, os gigantes estão presentes entre nós.

De forma simplificada, e já em tempos remotos, podemos vê-los referidos em espetáculos teatrais, como mais uma das suas fórmulas, uma vez que ocasionalmente também derivam para os calços e as pernas de pau (tendo estes também diversas origens).

Mas as referências mais constantes são à sua representação como os «deuses» dos lugares onde aparecem, em especial relacionando-os com a fertilidade, no seu sentido mais amplo, desde a sua representação «arbórea» até às suas formas femininas. E diga-se de passagem que talvez tenha sido esta vertente a que influenciou a sua presença nas representações teatrais.

É em ambos os casos (teatro e deuses) que se encontra a resposta, de forma geral, à pergunta: por que nascem os gigantes?

E a resposta (não global) é das mais simples: pela necessidade de mostrar e engrandecer a figura que representam acima das cabeças dos simples mortais. É inconcebível para qualquer sociedade respeitadora dos seus seres divinos que um deus tenha uma altura inferior à de uma pessoa. Um deus deve inspirar temor ou respeito (consoante o caso), e uma das formas de o conseguir é precisamente a sua grandeza.

É posteriormente, com a presença da religião católica e a «invenção» da celebração do Corpus Christi, que estas figuras, numa zona inicialmente limitada à Europa (um espaço muito reduzido face à sua dimensão mundial), se incorporam nessa procissão. Muito se disse sobre o significado das primeiras figuras presentes e pouco se acrescentou a esse respeito, dentro da sua diversidade de origens, mas não seria lógico pensar que, se o «povo» as tinha como elementos próprios (talvez num

processo evolutivo; em muitos dos casos europeus já faziam parte apenas de celebrações mais festivas), fossem incorporadas, sem mais motivo, na procissão para atrair o povo comum a esta manifestação, mistura de ostentação e religiosidade. Não será mais lógico pensar que o seu significado dentro do Corpus foi pretextado posteriormente para justificar a sua presença na festa, tal como outras celebrações «populares» que nela se incorporaram?

A simples contemplação das suas formas atuais, ou das das últimas décadas, oferece-nos uma visão impactante dessa diversidade.